

Fenomenologia feminista: contribuições para o estudo das religiões

Feminist phenomenology: contributions for the religious studies

*Ana Ester Pádua Freire*¹

Resumo

As Ciências da Religião vêm se estabelecendo no Brasil como campo disciplinar propício a contribuições de outras áreas de pesquisa. Nesse sentido, faz-se possível um diálogo das Ciências da Religião com a fenomenologia feminista, na busca por compreender em que medida as abordagens feministas podem colaborar com o estudo das religiões. O método fenomenológico apresentado é o da filósofa e teóloga feminista Ivone Gebara. A pesquisa mostrou que as Ciências da Religião, em uma perspectiva feminista, intentam desconstruir o instrumental teórico positivista em busca da revisão das posições de poder, conteúdos e simbologias que excluíram ou diminuíram as mulheres no mundo da ciência. Além disso, propõe a superação dos dualismos e das hierarquias patriarcais, buscando novas abordagens teóricas e metodológicas para as novas perguntas e temáticas que surgem a partir do mundo da vida e da experiência religiosa das mulheres. A fenomenologia feminista contribui com os estudos das religiões ao propor a ressignificação de conceitos positivistas de pesquisa, propiciando uma metodologia de investigação baseada em um paradigma emancipatório e na relevância do cotidiano da vida das mulheres.

Palavras-chave: Ciências da Religião; Ivone Gebara; Gênero; Feminismo.

Abstract

Religious Studies has been established in Brazil as a field that welcomes contribution from other areas of research. In that light, a dialogue becomes possible between Religious Studies and feminist phenomenology, as one seeks to understand how feminist approaches can collaborate with the study of religion. The phenomenological method presented is from the feminist philosopher and theologian Ivone Gebara. The research showed that Religious Studies in a feminist perspective attempts to deconstruct positivistic theoretical tools in search for a revision of positions of power, content and symbology that excluded or diminished the involvement of women in the world of science. Furthermore, it proposes the overcoming of dualisms and patriarchal hierarchies, looking for new theoretical and methodological approaches for questions and themes that

¹ Doutoranda em Ciências da Religião -PUC Minas.

come to the surface from the lifeworld and the religious experiences of women. The feminist phenomenology contributes to religious studies by proposing a redefinition of positivistic concepts of research, providing a methodology of investigation based in an emancipatory paradigm and in the relevance of women's daily lives.

Keywords: Religious Studies; Ivone Gebara; Gender, Feminism.

Introdução

As Ciências da Religião vêm se estabelecendo no Brasil como campo disciplinar, recebendo contribuições de outras áreas de pesquisa, como, por exemplo, da antropologia, da sociologia, da filosofia e da psicologia. Para Antônio Gomes e Cátia Rodrigues (2012), o estudo da religião implica a comunicação direta com outras áreas do conhecimento, pois a religião é uma instituição social e organização humana. Esse caráter interdisciplinar das Ciências da Religião é dado desde suas primeiras articulações, pois, como explica Marcelo Camurça (2008), a expressão Ciências da Religião surgiu a partir da concepção plural de Joaquim Wach (1898-1955). Ele “não desejava criar nenhuma ciência particular, nem um conjunto de disciplinas que estudassem separadamente a religião, mas uma abordagem articulada entre as ciências humanas para o fenômeno religioso” (CAMURÇA, 2008, p. 21).

Em se tratando de uma ciência em formação, faz-se possível um diálogo das Ciências da Religião com a fenomenologia feminista, na busca por compreender em que medida as abordagens feministas podem colaborar com o estudo das religiões. Nesse sentido, o artigo implica-se em apontar a relevância da atualização feminista para conceitos clássicos, como uma importante contribuição do próprio feminismo, pois, segundo Maria José F. Rosado-Nunes (2001, p. 81), “é enquanto movimento social inspirador de práticas de resistência à situação de sujeição das mulheres que o Feminismo atua, de início, no campo religioso”.

Para Rosado-Nunes (2006), as teólogas feministas foram as primeiras a sistematizar o estudo das religiões a partir de um viés feminista de pesquisa. Nesse sentido, buscar-se-á, na teóloga e filósofa feminista Ivone Gebara os aportes de uma fenomenologia feminista que contribua para as Ciências da Religião. Perceber-se-á que seu método fenomenológico vai além da mera conceituação, pois propõe uma prática feminista libertadora, que permita conhecer o fenômeno religioso a partir das experiências das mulheres.

1. Ciências da Religião: um campo disciplinar em formação

A articulação das abordagens em torno do estudo da religião suscita uma discussão sobre o campo disciplinar no qual as Ciências da Religião desenvolvem-se. Busca-se, assim, compreender, a princípio, seu estatuto epistemológico a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Amauri Carlos Ferreira e Flávio Augusto Senra Ribeiro afirmam que “a interdisciplinaridade, como método perspectivo, esteve, ainda que não problematizado, atravessando esses mais de 30 anos de processo de consolidação da disciplina no Brasil” (FERREIRA; RIBEIRO, 2012, p. 254).

Em uma busca por uma síntese interpretativa, seria possível, então, alcançar-se uma epistemologia própria às Ciências da Religião? Para Arnaldo Érico Huff Junior e Rodrigo Portella (2012), não. Segundo eles, não há uma pretensão totalitarista epistemológica por parte das Ciências da Religião. “Postula-se aqui interdisciplinaridade como interdependência entre as ciências, sem que com isto se postule metodologias e conclusões unificadas, em um totalitarismo epistemológico” (HUFF JUNIOR; PORTELLA, 2012, p. 448). Segundo os autores, a religião deve ser percebida como fenômeno humano multifacetado e, por isso,

entende-se que a Ciência da Religião deve superar a diferenciação/dualismo de semânticas (como compreensão versus explicação), e, superando dicotomias, fazer com que áreas de saber específico sobre a religião não se isolem, mas se

permeiem, não necessariamente em alguma síntese metodológica ou de resultados, mas ao menos em uma abordagem sobre a religião que se queira holística ou interdependente. (HUFF JUNIOR; PORTELLA, 2012, p. 446).

Como fenômeno humano multifacetado, a religião vem requerer da ciência um estudo próprio a ela, no qual não se apresente como objeto secundário, mas como o principal objeto da pesquisa. Para Gomes e Rodrigues (2012, p. 392), “o status epistemológico das Ciências da Religião está diretamente ligado ao esclarecimento de seu objeto e método, garantindo o seu caráter de cientificidade”. Em se tratando de um objeto de pesquisa tão complexo, como é a religião, as Ciências da Religião passam a demandar uma metodologia plural. Segundo João Décio Passos e Frank Usarski (2013), as exigências metodológicas próprias a um estudo sobre a religião contribuíram para a institucionalização de uma divisão de trabalho intradisciplinar.

A interdisciplinaridade que permeia as Ciências da Religião, devido a seu objeto plural e aberto, apresenta-se em um espaço para controvérsias, que Luiz Felipe Pondé (2008) chama de “drama epistemológico”. Para ele, esse é “definido de modo breve como sendo a condição de miséria cognitiva em que se encontra o ser humano e a busca constante de superá-la” (PONDÉ, 2008, p. 16). Ou seja, esse “drama epistemológico” não é simplesmente das Ciências da Religião, mas de todo processo de conhecimento, entre eles, o científico.

O “drama epistemológico”, apontado por Pondé (2008), permeia toda a discussão sobre a epistemologia das Ciências da Religião. Esse campo disciplinar é um espaço para controvérsias, não somente pelo multifacetado objeto de estudo, mas, também, devido a seu aspecto científico. Sendo assim, as perspectivas interdisciplinares alocadas nas Ciências da Religião desdobram-se em uma pluralidade epistemológica.

Uma discussão sobre Ciências da Religião e epistemologia aponta, ao contrário do monismo epistemológico, para uma pluralidade de caminhos bem própria do saber científico contemporâneo. Ferreira e Ribeiro (2012) confirmam essa questão ao explicarem a interdisciplinaridade desse campo de saber.

É importante salientar [...] que o caráter interdisciplinar está em construção. As práticas interdisciplinares buscam formas de entender de que maneira os temas religiosos podem ser pesquisados por diversas abordagens, principalmente em se tratando de manter a diversidade na diferença, uma das marcas da cultura brasileira. (FERREIRA; RIBEIRO, 2012, p. 267).

Partindo, então, dessa compreensão epistemológica plural das Ciências da Religião, marcada pela diversidade que o fenômeno apresenta em um contexto cultural brasileiro, é possível, ainda que a partir de um modelo alemão (GRESCHAT, 2005), compreenderem-se as Ciências da Religião como uma área subdividida em dois grandes campos: a História da Religião e a Ciência Sistemática da Religião.

A História da Religião trabalha com o específico, a partir de um recorte longitudinal que pesquisa como uma determinada religião chegou a sua forma atual. Para tanto, ela pesquisa textos religiosos (textos sagrados, tradições orais, testemunhos pessoais e documentos históricos), imagens religiosas, indivíduos religiosos e a vida religiosa (GRESCHAT, 2005).

Já a Ciência Sistemática da Religião, também nomeada História Comparada da Religião ou Fenomenologia, trabalha com o geral, a partir de um recorte transversal que busca compreender determinado elemento presente em variadas religiões. A Ciência Sistemática da Religião pesquisa a teoria da religião, a comparação entre religiões e a fenomenologia da religião. Segundo Hans-Jürgen Greschat (2005), são as religiões e os fenômenos os verdadeiros objetos das Ciências da religião. Segundo ele, metaforicamente, a fenomenologia é um atalho para se chegar ao essencial. A escolha por se estudar as Ciências da Religião em seu aspecto fenomenológico, dá-se pela relação que pode ser estabelecida entre a fenomenologia feminista e o estudo das religiões. É ali, no *mundo da vida*, que se acredita encontrar valiosas contribuições para o estudo do fenômeno religioso.

Nessa perspectiva, a importância da abordagem feminista para o estudo das religiões aponta o fato de que a história tem sido impactada pelas contribuições feministas.

Interrogando a historiografia existente, o silêncio sobre o protagonismo feminino e enfrentando a dificuldade das fontes, historiadoras das religiões têm buscado escrever uma outra história, em que fatos, personagens, processos são moldados pelas relações estabelecidas entre os sexos. (ROSADO-NUNES, 2001, p. 94-95).

Sendo as Ciências da Religião um campo disciplinar em formação, a fenomenologia feminista, que atravessa o fazer científico contemporâneo, muito tem a contribuir com o estudo do fenômeno religioso.

1.1 Ciências da Religião e a abordagem feminista

Compreender as Ciências da Religião como um campo disciplinar em formação é fundamental para pensar como elas e a Ciência Feminista podem dialogar. Longe de um monismo epistemológico, as Ciências da Religião conseguem cooptar métodos de investigação de outras áreas do saber, que contribuam com a compreensão do fenômeno religioso.

Nesse contexto, as Ciências da Religião apresentam-se como espaço de escuta qualificada, ou seja, estão abertas a ouvirem o que outros campos disciplinares têm a dizer. E não somente escutar, mas viabilizar outros modelos de pesquisa, que eventualmente não sejam os propostos pelo positivismo científico.

Em uma perspectiva de, por exemplo, estudo comparado das religiões ou de fenomenologia da religião, as Ciências da Religião, a partir da abordagem feminista não devem ignorar a condição de gênero ou ainda ignorar um gênero e afirmar outro. O uso da categoria analítica de gênero² é fundamental para o

² Pensar sob a categoria de gênero implica em se pensar sobre relações. Relações que se estabelecem entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres e são pautadas

estudo das religiões em uma perspectiva fenomenológica feminista, o que implica na saída das limitações propostas pela ciência positivista para a pluralidade epistemológica das Ciências da Religião. Nesse sentido, a abordagem feminista, também, garante ao estudo das religiões a inserção de diferentes temas de pesquisa, como, por exemplo, a celebração do nascimento e da morte por grupos de mulheres (GEBARA, 2010).

Ribeiro e Ferreira (2013), em pesquisa já concluída, analisaram o perfil construído pelos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil, do seu surgimento aos dias atuais, a partir da análise dos resumos de teses e dissertações defendidas entre 1976 a 2011. Os dados da análise dos Mestrados mostram que em 25% dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil gênero foi um dos termos que teve maior incidência em sua repetição e correlação (RIBEIRO; FERREIRA, 2013, p. 11-12). Destaca-se que, a partir do número de dissertações avaliadas, gênero aparece em duas instituições (Universidade Metodista de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), que juntas representam 56,5% das dissertações defendidas no período pesquisado. Os dados que se mostram a partir de uma análise dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil apontam para a relevância da questão de gênero no estudo do fenômeno religioso.

O estudo das religiões permite a revisão e a compreensão sobre a prática religiosa, sobre seus símbolos e sua cultura, tendo gênero como categoria analítica e categoria mediadora da percepção sobre como as relações se estabelecem no ambiente religioso. Relações entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens, mulheres e homens e a divindade, mulheres e homens e os ritos religiosos, mulheres e homens e os ambientes religiosos. Percebe-se, então, uma relatividade das produções e das relações religiosas (GEBARA, 2010). Ao lançar mão, então, da fenomenologia feminista, as Ciências da Religião devem se abrir para um repensar científico que se distancia de

como relações de poder; são relações atravessadas pela historicidade, pela dimensão econômica, política e pela religião, pelas questões étnicas e de classe.

pressupostos positivistas, haja vista a complexidade do fenômeno que se propõe a investigar.

Rosado-Nunes (2001) nomeia os estudos da religião em uma perspectiva feminista de “estudos acadêmicos feministas da religião”, durante este artigo poder-se-á usar diferentes nomenclaturas, como “abordagem feminista”, “ciência feminista” e até “ciência feminista da religião”. A variedade de nomes será tão plural quanto plural são os fundamentos de uma pesquisa nesse prisma, como, por exemplo, os múltiplos feminismos³ da contemporaneidade. O importante dessa discussão é apontar a relevância da ciência, no caso das Ciências da Religião, como ciência crítica capaz de dialogar também com a fenomenologia feminista.

Segundo Gebara (1991) a religião é um “lugar” a partir do qual se poderia buscar uma especificidade de compreensão antropológica da mulher. Esse “lugar” percebido de forma positivista pode acabar por invisibilizar as mulheres. “A visão científica do mundo, de certa forma, arrancou de nós a capacidade de perceber a espiritualidade, a beleza, a maravilha irredutível aos números matemáticos e presente em todos os processos de vida” (GEBARA, 2010, p. 94). Assim, as Ciências da Religião, a partir de sua interdisciplinaridade e pluralidade epistemológica, podem contribuir para que “outra” ciência seja feita, uma ciência que veja, ouça e visibilize o que as mulheres têm a dizer – um espaço de pesquisa qualificada.

A introdução de elementos teórico-metodológicos oriundos do feminismo para a análise das religiões implica em “interrogar a realidade religiosa do ponto de vista das diferenças colocadas pelas relações sociais estabelecidas entre os sexos” (ROSADO-NUNES, 2001). Segundo a Rosado-Nunes, com os conceitos e métodos de pesquisa feminista

³ Feminismos são aqui compreendidos como sendo um fenômeno social complexo, um conceito dinâmico de ação e compromisso ético-político das mulheres a partir de sua condição de gênero. Como explica Scott (1989), o feminismo lança mão do conceito de gênero como uma categoria de análise baseada nas relações que se estabelecem inicialmente a partir das diferenças entre os sexos.

foi possível avaliar a complexidade das relações existentes no interior do campo religioso. Desvendaram-se os laços ambíguos e contraditórios das mulheres às religiões e destas às mulheres, no interior das organizações religiosas. A observação empírica mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. (ROSADO-NUNES, 2001, p. 86-87).

Rosado-Nunes (2001) explica que inúmeras pesquisas empíricas foram dedicadas a dissecar as formas pelas quais crenças, práticas e representações religiosas contribuem, seja para a reprodução da desigualdade entre mulheres e homens, seja para sua transformação. Em todos os campos de estudo das religiões, uma das questões fundamentais passou a ser a compreensão da maneira pela qual atividades simbólicas – crenças, ritos e discursos religiosos – que parecem escapar à diferenciação sexual, são, na verdade, moldadas por ela.

Assim, o uso da categoria analítica de gênero, para o estudo das religiões, suscita algumas preocupações críticas, como

o questionamento das possibilidades reais de mudanças favoráveis às mulheres, no campo das religiões históricas. Para algumas pesquisadoras e para um certo número de teólogas, o androcentrismo é parte inerente das religiões. O investimento da população feminina nessas religiões é a expressão de seu conservadorismo. Elas propõem a criação de espaços religiosos alternativos, onde as mulheres possam fazer emergir novas formas de relação com o sagrado, também este pensado de maneira inovadora. Para outras, o problema das religiões históricas foi a sua apropriação pelos homens. Um dos objetivos das pesquisas a serem feitas deverá ser o de recuperar as tradições e os fundamentos das mesmas, para que as mulheres encontrem aí o seu lugar. (ROSADO-NUNES, 2001, p. 96).

As Ciências da Religião, então, apresentam-se como o campo disciplinar propício a essa recuperação de tradições e de fundamentos da religião apontados por Rosado-Nunes (2001), isso a partir do uso da fenomenologia feminista como método de pesquisa.

Afirmar que as Ciências da Religião são espaço de pesquisa qualificada não implica apenas em “ouvir” o que diversas epistemologias têm a dizer. Uma

perspectiva fenomenológica feminista implica em compreender as Ciências da Religião como espaço de pesquisa das mulheres que outrora foram emudecidas. Não somente como ciência, como também como ciência que estuda as religiões, as Ciências da Religião são o campo disciplinar no qual o modo como as mulheres fazem religião será investigado. A ciência positivista não as ouvia, os estudos tradicionais sobre as religiões, a partir de uma compreensão naturalizada e universalizada das religiões, também não as ouvia. Entretanto, as Ciências da Religião podem fazer isso. Podem ocupar-se em produzir conhecimento a partir das vozes das mulheres, podem conhecer os ritos, através das práticas ocultadas das mulheres, podem conhecer a ética religiosa a partir das relações estabelecidas entre as mulheres.

As Ciências da Religião são não apenas mais um, mas o espaço por excelência no qual a religião pode ser estudada e redescoberta a partir da experiência das mulheres.

2. Fenomenologia feminista: a experiência como ponto de partida

Na modernidade não poderia se falar em apenas um feminismo, devido aos diversos atravessamentos que o conceito comporta, como raça, classe, e sexualidade. Nessa mesma lógica, não se pode falar em uma fenomenologia feminista. Neste artigo, opta-se pela proposta de Ivone Gebara, pois opera com dois campos do saber fundamentais para o estudo das religiões: a teologia e a filosofia.

Para elucidação da fenomenologia proposta por Gebara, acredita-se que em muito ela tenha sido influenciada por Adolphe Gesché, seu professor por ocasião de seu doutorado, que resultou no livro *Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal* (2000). No prefácio do mencionado livro, Gesché explica, a partir de outros autores, que a fenomenologia é o retorno à “natividade” das coisas.

A fenomenologia procura mostrar (“*monstration*”) esta realidade, esta coisa (a *Sache*) e não a fazendo aparecer nas concepções que já se fazem dela e em representações exteriores à “própria coisa” (Husserl); em suma no teatro, na cena de um discurso que já sabe e diz de que se trata. A fenomenologia faz explicitamente *époché*, coloca entre parênteses aquelas representações exteriores para deixar, ao contrário, a própria coisa, aquilo que está em questão, aquilo de que se trata, “mostrar-se” ela mesma no seu próprio teatro, em sua própria cena, exatamente lá onde ela mesma e por si se manifesta (Heidegger), onde a verdade não significa mais “coerência ou verificação, mas manifestação” (P. Ricoeur). (GESCHÉ *in* GEBARA, 2000).

Perceber-se-á que o método fenomenológico de Gebara vai além da conceituação, propondo uma prática feminista libertadora, que permita conhecer o fenômeno religioso a partir das experiências das mulheres. Como explica Musskopf (2012), o método de Gebara “permite perceber as armadilhas de um sistema patriarcal que se materializa em todas as esferas da vida, inclusive na produção do conhecimento teológico” (MUSSKOPF, 2012, p. 342).

2.1 A perspectiva fenomenológica de Ivone Gebara

Gebara (2000) afirma utilizar as intuições do método fenomenológico, “particularmente em seu aspecto de descrição do real, da palavra dita, dos gestos, da vivência cotidiana, para apreender o sentido presente⁴” (GEBARA, 2000, p. 39).

[...] a fenomenologia não é apenas um método de abordagem do real, mas uma maneira de compreender nossa relação com os seres humanos e não-humanos, abordagem que deve sempre ser retomada segundo os diferentes lugares, tempos e perspectivas. Neste sentido, a fenomenologia é a afirmação da existência da pluralidade, não apenas no real, mas também nas nossas interpretações. Ela nos abre às diferentes perspectivas e pontos de partida para tratar do próprio tema. (GEBARA, 2000, p. 44).

⁴ Gebara (2000) explica que seu método fenomenológico é influenciado pela fenomenologia e hermenêutica de Paul Ricoeur, especialmente de suas obras *Finitude et culpabilité* I e II.

A fenomenologia é uma escola filosófica e, segundo Angela Ales Bello (2006, p. 18), “é a reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra”. Ainda segundo a autora, o problema do método fenomenológico está em identificar “o que se mostra” e “como se mostra”. Não somente para Bello, como para Gebara, a análise do fenômeno religioso implica na busca por seu sentido. Aqui está a síntese do método para o estudo das religiões em uma perspectiva fenomenológica: a busca pelo sentido.

Bello (2006) apresenta, sempre a partir de sua leitura de Edmund Husserl e Edith Stein, a fenomenologia como método dividido em duas etapas: a redução eidética (do grego *eidōs*, aquilo que se capta, que se intui) e a redução transcendental. A primeira etapa, a redução eidética, diz respeito à compreensão do sentido das coisas. Essa etapa tem a ver com a intuição. Segundo Bello (2006), o ser humano intui o sentido das coisas o que quer dizer captar a essência pelo sentido. Na redução eidética, o mais importante não é o fato, mas sim o sentido dele. Em uma perspectiva de estudo das religiões, isso implica na busca não pelo fato religioso, mas pelo sentido dele. O fato religioso deve ser “colocado entre parênteses” para que sua essência seja compreendida. Esse método confronta o ideal positivista de ciência, que se preocupa com o fato em si. Bello, explica que “a verdade, do ponto de vista humano, reside no sentido, não no fato” (BELLO, 2006, p. 24). Em suma, a redução eidética é a intuição sobre o sentido do fato.

A segunda etapa do método fenomenológico é a redução transcendental, que busca perceber como é o sujeito que busca o sentido. Bello (2006) explica que a perspectiva fenomenológica de Husserl, no que diz respeito à redução transcendental, está em analisar o sujeito humano. O ser humano é, então, o ponto de partida da investigação fenomenológica. Esta etapa é fundamental para o estudo das religiões a partir de uma abordagem feminista, é o que Gebara explica como sendo a proposta de outros pontos de partida para a pesquisa do fenômeno religioso. Na fenomenologia feminista, a vida é o ponto de partida.

Se na primeira etapa (redução eidética) a palavra-chave é “intuição”, aqui, na redução transcendental, a palavra-chave é “percepção”. Bello explica que “a

percepção é uma porta, uma forma de ingresso, uma passagem para entrar no sujeito, ou seja, para compreender como é que o ser humano é feito” (BELLO, 2006, p. 30). Nessa perspectiva, a fenomenologia, como método, requer da cientista feminista da religião uma cuidadosa aproximação do seu “objeto” de estudo. O outrora “objeto” é também agente no processo da construção do conhecimento, requerendo, assim, não somente ser visto, mas ser intuído e percebido.

Para Gebara (2000), se trata, primeiramente, de dar palavra às situações em que “os gritos das mulheres para Deus são mais fortes e mais frequentes” (GEBARA, 2000, p. 203). Por isso, o método de Gebara passa pela escolha das mulheres, buscando ouvir as que foram silenciadas pela pobreza, pela discriminação e pelas contingências da vida. Depois de dar a palavra a essas mulheres, buscando tentar esboçar uma interpretação, sabendo, porém, que essa interpretação é uma dentre uma pluralidade de possibilidades. Assim, o trabalho fenomenológico proposto por Gebara não é um discurso sobre Deus, mas sobre a experiência das mulheres quando elas dizem “Deus”.

Segundo Rago (*in* GEBARA, 2010), o método de Gebara consiste em desconstruir “verdades”, principalmente aquelas ditadas pela fé. Rago explica que Gebara, primeiramente, pergunta pelas origens, seja a origem etimológica de uma palavra, seja a origem social de determinada prática. E em segundo momento, busca “perceber a lógica que rege os discursos dominantes, aceitos como verdades intocáveis, mas que, no entanto, mascaram sua dimensão de gênero” (RAGO *in* GEBARA, 2010, p. 11).

2.2 Perspectiva antropológica na fenomenologia

No método fenomenológico de Gebara, de busca pelo sentido a partir das experiências das mulheres, é fundamental compreender sua perspectiva antropológica, pois é a partir dela, que as mulheres serão consideradas. A antropologia proposta por Gebara (1991) é uma “antropologia popular”, que leva

em consideração aspectos do conhecimento que homens e mulheres têm de si mesmos a partir de suas vivências. Isso consiste em compreender o ser humano como um fenômeno, ou seja, “ele se mostra e dentro dele encontramos todos os atos que também são fenômenos e que se manifestam” (BELLO, 2006, p. 84), por isso a importância da análise das vivências.

A fenomenologia apresentada por Bello (2006) parte da vida, do mundo humano, que é o ponto de partida proposto pela abordagem feminista. O estudo das religiões em uma perspectiva feminista, então, parte do mundo humano, do mundo vivente, do *mundo da vida* das mulheres.

Os atos, apontados por Bello (2006), não somente adentram o mundo físico, mas, quando reativos a uma busca de totalidade, apontam para uma busca religiosa. A autora explica que os atos espirituais, aos quais estão ligadas as reflexões, avaliações, decisões, controle, estão ligados também os “atos religiosos”. Na consciência, o ser humano está ciente dos atos que realiza, e são os atos da consciência humana que permitem que ele diga que não é absoluto, mas que deve existir alguma coisa de absoluto. Para Bello:

[...] há correntes de consciência que nos dizem que nossos atos são importantes, mas são limitados, e que existe algo que nos transcende, e que o conhecimento dessa transcendência está em nós. [...] A experiência religiosa é uma experiência de si e da experiência de que existe algo superior a si, portanto se a superação existe, ela é algo que está presente (BELLO, 2006, p.98-99).

A compreensão antropológica de Bello (2006) afirma que o ser humano tem a marca do “ilimitado” dentro de si, que pode ser compreendida como uma via subjetiva. Para a perspectiva fenomenológica de Bello (2006), esses atos de consciência de tipo religioso, que constituem a experiência humana, podem ser objetos de uma reflexão de caráter racional. Ou seja, a subjetividade pode ser percebida pela ciência.

Por isso, para o método fenomenológico feminista, a análise das vivências é fundamento das ciências, pois a subjetividade pode ser percebida em uma

dimensão relacional. A fenomenologia de Husserl e Stein, a partir da compreensão de Bello (2006), aponta a essência, a busca pelo sentido, em relação estreita com a subjetividade. Na prática, isso implica em olhar para a vida humana como potencial fenômeno para compreensão das religiões.

A proposta fenomenológica de Gebara provém de uma convivência nos meios populares e da partilha com muitos grupos de agentes de pastoral. E, além de ser uma “antropologia popular”, é uma “antropologia da diferença”. Este termo não pretende remeter à divisão ou separação, mas à diferença como princípio de criatividade, como possibilidade de aproximação, de atração, de diálogo. Atentar-se às diferenças não implica em separá-las, mas sim em buscar caminhos de aproximação, apesar das diferenças. Assim, as mulheres e os homens não são percebidos em uma perspectiva universal, mas sim singular e revestida de particularidades.

A antropologia de Gebara pretende ser “unitária” e não dualista, pois busca reconciliar a razão e o corpo. Além disso, apresenta-se como “pluridimensional” e não unidimensional, como a antropologia patriarcal, que encerra o humano em uma única visão, na qual existem certezas tidas como imutáveis. A pluridimensionalidade percebe as interseccionalidades que a vida propõe, ou muitas vezes impõe.

A antropologia proposta por Gebara é, também, uma “antropologia da relacionalidade” que valoriza a autonomia e a interdependência entre os seres humanos, a natureza e o cosmos. Essa é uma característica marcadamente resultante da escolha de gênero como categoria de análise, pois o gênero evoca as relações que se estabelecem.

A perspectiva fenomenológica de Gebara aponta para uma “teologia da relacionalidade”, ou seja, que situa o ser humano sempre em face do outro como semelhante e, ao mesmo tempo, diferente (Cf. GEBARA, 1989). Essa é uma relação ética no sentido que não considera uma hierarquia pré-estabelecida de superioridade, mas leva em consideração as convergências e divergências expressas pela relacionalidade que sustenta homens e mulheres.

Gebara (1989) busca detectar algumas das causas antropológicas e culturais de resistência à autonomia e à libertação da mulher.

Não só o homem teme a imagem da mulher, mas também a mulher teme a força da qual ela é imagem. Ambos temem de maneiras diferentes esse algo no humano que atrai e apavora ao mesmo tempo, embora o combate dos homens contra essa força seja mais opressor por conta da expressão patriarcal desse medo. (GEBARA, 1989, p. 30).

Segundo a autora, a antropologia proposta pela perspectiva feminista não anuncia apenas uma mulher nova, mas, também, um homem novo, ambos em busca de sua humanidade própria. Nesse sentido, a perspectiva antropológica de Gebara requer um esforço paradigmático no estudo das religiões. Ao se estudar o fenômeno religioso, deve-se partir desse pressuposto de compreensão das mulheres e dos homens, na busca por suas vivências e convivências. Uma antropologia popular, unitária, pluridimensional e relacional requer das Ciências da Religião a percepção do humano a partir de sua singularidade e de sua relacionalidade, ou seja, a vida religiosa deve ser considerada.

O método fenomenológico de Gebara, então, parte dessa “outra antropologia”, na qual um novo homem e uma nova mulher são compreendidos a partir de sua relacionalidade. E é a essa outra mulher que a fenomenologia dará voz, buscando o sentido de suas experiências. Daí a importância do cotidiano para o estudo das religiões.

2.3 Fenomenologia da experiência

Gebara propõe uma fenomenologia existencial a partir do discurso sobre as vivências das mulheres, ou seja, das experiências das mulheres. Essas mulheres a quem Gebara dá voz, muitas vezes foram emudecidas pelo discurso religioso patriarcal. Esse “dar voz a” é fundamental para a abordagem feminista, como explica Roese:

muitas experiências e sentimentos das mulheres nunca foram ouvidos, muitas vezes não são sequer compreendidos justamente porque a variável gênero não é considerada na abordagem. As mulheres não reconhecem mais muitos dos seus próprios sentimentos como autênticos, outras elas mesmas não mais conseguem pronunciar, expressar em palavras, por terem sofridos demais ou por já estarem tão emaranhadas nos modelos sociais que elas não mais conseguem diferenciá-los dos anseios e das necessidades pessoais (ROESE, 2010, p.289).

A pesquisa sobre o fenômeno religioso nesse prisma busca compreender a religião a partir das experiências das mulheres. Não de uma mulher universal, mas, como explica Gebara (2000), antes de dar ouvido às experiências, primeiro pergunta-se: “de que mulher se trata?”. Perceber o fenômeno religioso nessa perspectiva fenomenológica significa buscar um novo humanismo, no qual “a transcendência humana e a transcendência de tudo o que existe se inscrevem no interior mesmo de nossa constituição vital” (GEBARA, 2010, p. 164).

Sendo a fenomenologia, como apresentado por Bello (2006), a busca pelo sentido, Gebara percebe “o quanto a construção de sentidos pode ser fonte de opressão e de libertação ao mesmo tempo” (GEBARA, 2010, p. 15). Os debates sobre o sentido da vida humana e, no caso, da vida das mulheres, não é simples, mas complexo. Os sentidos cooptados pela religião, por exemplo, podem ser baseados em sistemas patriarcais de opressão, que emudecem as mulheres e suas experiências.

Entretanto, ainda que a aplicação fenomenológica na busca pelos sentidos seja árdua, segundo Gebara (2010) é preciso tecer sentidos para a vida. “Sentidos são pessoas, ideias, ideais, causas e coisas que nos sustentam” (GEBARA, 2010, p. 179). A autora afirma que a busca de sentido deve ser feita no interior da simplicidade de cada dia, pois a busca de novos sentidos é a busca de um novo entusiasmo pela vida.

Escolher a experiência como ponto de partida para o estudo da religião implica em utilizar a categoria analítica de gênero para percepção da vida e das relações. Como explica Gebara:

concretamente, se adoto a experiência como ponto de partida de minha reflexão, encontro identidades específicas de mulheres, encontro histórias particulares, sentimentos personalizados, lutas precisas. Encontro antes de mais nada vidas de mulheres com um nome e uma história, ouço gemidos de dores situadas. Encontro também relações felizes ou infelizes entre mulheres e homens (GEBARA, 2000, p.113).

Percebe-se que, a fenomenologia feminista, em sua perspectiva de situacionalidade, em conformidade com a Ciência Feminista, propõe às Ciências da Religião a busca pela identidade, pela história, pelos sentimentos, pelas lutas, pelas dores dessas vidas religiosas.

2.4 O cotidiano

A fenomenologia feminista proposta por Gebara requer “outro ponto partida”, outro “a partir” dos comumente usados pela ciência. Segundo Gebara (2010, p. 225), “a partir significa um ponto de partida, um ponto a partir do qual se escolhe falar ou enxergar o mundo, significa uma perspectiva, um olhar específico, uma intenção presente”. O ponto de partida para a pesquisa fenomenológica de Gebara é escolhido do feminismo de suas intenções, dos “conhecimentos situados” propostos pela Ciência Feminista, portanto, ela escolhe a experiência, o cotidiano, o *mundo da vida*. Musskopf afirma que Gebara assume uma perspectiva fenomenológica na qual o cotidiano emerge como “*locus privilegiado da construção teórica*” (MUSSKOPF, 2012, p. 337).

Ao optar pelo cotidiano como ponto de partida, tendo o gênero como categoria de análise, valoriza-se o a concretude da vida das mulheres. Segundo Gebara:

o cotidiano é o combate para viver hoje, para encontrar trabalho, para ter o que cozinhar, para ter água para lavar as crianças e a roupa, para trocar gestos de amor, para encontrar um sentido imediato para a vida. [...] O cotidiano das mulheres se introduz na ciência chamada universal para lembrar-lhe o concreto, as coisas que são necessárias à vida ou à sobrevivência. O cotidiano é a rotina, os hábitos de cada dia, a família, os filhos, os vizinhos

do bairro, tudo isto que faz parte da trama imediata de nossa vida (GEBARA, 2000, p.121).

Gebara (2010) explica que ao se referir ao cotidiano ou à vida diária está convidando mulheres e homens a captar na vida ordinária, habitual, os sinais indicadores de uma qualidade de vida, de algo que pode promover a continuidade da vida ou que é capaz de reerguer as vidas abatidas e exploradas.

Falar em vida cotidiana é falar do trabalho em casa, na fábrica, no campo, na escola, e, nível pessoal e coletivo. Falar em vida cotidiana é falar de nossa circunstância, e é nesta circunstância que experimentamos algo que reascende a chama da vida, o gozo de viver, a vontade de continuar a lutar, a vontade de criar coisas belas, a vontade de partilhar nosso pão e nosso vinho. A partir do cotidiano ressuscitamos dentro do mesmo cotidiano que revela sua cara maior, maior que a monotonia muitas vezes vivida ou dos estreitos limites que foram impostos à nossa vida. Ressuscitar o cotidiano é apostar na realidade da vida presente como a realidade mais fundamental. (GEBARA, 2010, p. 230).

“Ressuscitando” o cotidiano, Gebara (2010) pretende passar a religião ou os valores que norteiam a vida para outro lado, o lado da vida vivida. O cotidiano permite o entrelaçamento de múltiplas experiências e, assim, a busca pelo sentido diante da pluralidade que caracteriza toda a existência.

A cotidianidade epistemológica é o fundamento do método fenomenológico feminista de Gebara. As consequências do uso desse método garantem, segundo Roese (2010), em uma perspectiva teológica, por exemplo, o resgate das histórias bíblicas das mulheres.

Ouvir muitas histórias permitirá que cada mulher possa prover-se de muitas imagens, potencialidades, personalidades do ser mulher, ampliando suas imagens do que é ser mulher. Nesse espaço [...] também as histórias bíblicas de mulheres, estruturas familiares e sociais podem ser resgatadas, contadas e interpretadas como imagens a partir das quais se podem aferir outros e novos referenciais para o cotidiano. (ROESE, 2010, p. 303).

Para o estudo da religião, isso implica em um resgate de tradições e imagens. A história, outrora legitimada e naturalizada, passa a ser recontada e

ressignificada. Para Gebara (2010), esse “redescobrir” é uma busca ética na tentativa de articular e afirmar a especificidade de grupos diversos em direção ao bem comum, a partir do concreto da existência.

O estudo das religiões a partir da perspectiva fenomenológica feminista de Gebara propõe o estudo do cotidiano, *locus* da religião vivida e ressignificada desde a particularidade de cada vida. À cientista feminista da religião cabe o exercício de dar voz àquelas que outrora foram silenciadas, seja pela religião patriarcal, universal e naturalizada, seja pela ciência positivista. Nesse contexto, as Ciências da Religião surgem como uma ciência capaz, por meio da metodologia aberta ao diálogo com as abordagens feministas, de serem um espaço de pesquisa qualificada para essas mulheres, deusas, bruxas, guerreiras, que foram emudecidas e invisibilizadas pela história.

Considerações finais

O feminismo influencia o modo com o qual as Ciências da Religião podem ser produzidas, promovendo outras perspectivas epistemológicas, hermenêuticas e fenomenológicas, e denunciando a produção do conhecimento científico, cuja consequência, muitas vezes, é a exclusão das mulheres. O feminismo influencia, também, o objeto de estudo das Ciências da Religião, pois, “os discursos das mulheres, discursos literários, poéticos, teológicos, ou simplesmente gritos de aflição ou de alegria na vida rotineira de cada dia” (GEBARA, 2000, p. 242) dão um novo corpo à pesquisa das Ciências da Religião.

Esse feminismo tem suas mais importantes contribuições para as Ciências da Religião na crítica que apresenta a categorias universalizantes e ao método científico positivista, este muitas vezes compreendido como “único” método possível. O feminismo apresenta ao estudo das religiões uma proposta epistemológica feminista plural alicerçada em “conhecimentos situados”. Ou seja, o objeto de estudo das Ciências da Religião deve ser compreendido em seu contexto, levando-se em conta a sua situacionalidade. A partir de uma

abordagem feminista, o objeto de estudo não é tido mais apenas como sujeito, mas sim como agente no processo de conhecimento. O então sujeito cognoscível ganha corpo e importância na produção dos saberes.

A fenomenologia feminista dá a palavra às mulheres e interpreta essas palavras a partir do gênero como categoria analítica. A aproximação com o fenômeno religioso, nessa perspectiva, deve ser pautada pela desconstrução das verdades naturalizadas e universalizadas, na busca pelas relações de poder, ocultas ou não, regentes dessas experiências religiosas.

O método fenomenológico de Gebara requer das Ciências da Religião uma “outra” compreensão antropológica das mulheres. Uma antropologia que seja popular, da diferença, unitária, pluridimensional e relacional. A fenomenologia feminista implica na valorização das experiências das mulheres. A pesquisa sobre o fenômeno religioso, nesse prisma, busca compreender a religião a partir das experiências das mulheres. Assim, em sua perspectiva de situacionalidade, propõe às Ciências da Religião a busca pela identidade, pela história, pelos sentimentos, pelas lutas, pelas dores dessas mulheres.

Nesse sentido, o cotidiano torna-se o ponto de partida para o método fenomenológico feminista, o *locus* privilegiado para a construção teórica. O cotidiano permite o entrelaçamento de múltiplas experiências e, assim, a busca pelo sentido diante da pluralidade que caracteriza toda a existência. As Ciências da Religião, ao lançarem mão do referencial teórico feminista, resgatam as mulheres de sua invisibilidade, interpretando-as a partir do concreto de sua existência.

A introdução de elementos teórico-metodológicos oriundos do feminismo para a análise das religiões implica em “interrogar a realidade religiosa do ponto de vista das diferenças colocadas pelas relações sociais estabelecidas entre os sexos” (ROSADO-NUNES, 2001). A fenomenologia da religião ocupa-se em produzir conhecimento a partir das vozes das mulheres, em conhecer os ritos através das práticas ocultas das mulheres, em compreender a ética religiosa a partir das relações estabelecidas entre as mulheres. Compreensão marcada pela

reciprocidade e interdependência das mulheres, que muitas vezes foram esquecidas pela história, pela ciência e pelas religiões.

Referências

- BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006.
- CAMURÇA, Marcelo. *Ciências sociais e ciências da religião*. Polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.
- GOMES, Antonio Maspoli de Araujo Gomes; RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. Epistemologia do objeto de estudo e pesquisa das ciências da religião (um estudo de caso). *Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 377-402, dez 2012. Disponível em: <http://ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/1804/1452> >. Acesso em: 20 jun. 2014.
- GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na igreja da América Latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- GEBARA, Ivone. *Conhece-te a ti mesma*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.
- GESCHÉ, Adolphe. Prefácio. In: GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.
- FERREIRA, Amauri Carlos; RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. Tendência interdisciplinar das ciências da religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país. *Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 249-269, dez 2012. Disponível em: <<http://ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/1729/1446>>. Acesso em 16 jun. 2014.
- HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico; PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. *Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 433-456, dez 2012. Disponível em: <http://www.academia.edu/2530272/Ciencia_da_Religiao_uma_proposta_a_caminho_para_consenso_minimos_Science_of_Religion_a_proposal_on_the_way_to_minimum_consensus>. Acesso em: 18 jun. 2014.
- MUSSKOPF, André Sidnei. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013.
- PONDÉ, Luiz Felipe. Em busca de uma cultura epistemológica. IN: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2008.

RAGO, Margareth. Apresentação. In: GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

RIBEIRO, Flávio Augusto Senra; FERREIRA, Amauri Carlos. *As Ciências da Religião no Brasil: O perfil da área a partir da análise de resumos de teses e dissertações dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCRs)- Do surgimento aos dias atuais*. Produção docente. 2013. (Relatório de pesquisa).

ROESE, Anete. A abordagem feminista do cuidado espiritual e psicoterapêutico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 288-305, jul./dez., 2010. Disponível em:

http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewArticle/103>. Acesso em: 31 jan. 2015.

ROSADO-NUNES, Maria José F. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 16, p. 79-96, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2013.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14 (1): 336, jan/abr, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100016&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jan. 2014.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: <http://facultypages.morris.umn.edu/~deanej/UMM%20Home%20Page/2001/Readings/Gender/Scott_Useful%20Category.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014.